

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

Agosto
setembro
2015

ANO X
nº 65

www.anenet.com.br

A CIDADANIA TRUNCADA DOS ANALFABETOS

José Carlos Brandi Aleixo

Em uma Antologia promovida pela renomada Academia de Letras e Artes Buziana cabem reflexões sobre aqueles que, embora não redijam belos textos, contribuíram e contribuem para as notáveis tertúlias dessas aprazíveis plagas fluminenses. Eles participaram da construção de edifícios e prestam relevantes serviços aos que neles se congregam em certames culturais.

Este ensaio versa sobre aqueles que, por razões contrárias aos seus desejos, não lograram transpor os umbrais sequer de uma escola primária. Preconiza-se a instalação urgente de mais e de melhores escolas possibilitando também à população mais carente o acesso a elas e aplaude-se toda iniciativa nesse sentido. Mas o foco principal deste trabalho é o do extirpamento da nódoa estampada no artigo

14 da nossa Magna Carta: a inelegibilidade dos analfabetos.

Inicialmente vale recordar que o alfabeto e várias formas de escritas pictóricas são frutos do engenhoso labor dos até então desconhecidos do abecedário. Os analfabetos criaram o alfabeto.

Continua na página 3

EUCLIDES E OS SERTÕES

Fabio de Sousa Coutinho



Euclides da Cunha

Quando Euclides da Cunha concluiu *Os Sertões*, em 1902, Machado de Assis já era considerado o grande nome das letras nacionais, graças à publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899). Com *Os Sertões*, passou a existir, em nosso ambiente literário, mais um narrador genial, produzindo, em português do Brasil, uma obra extraordinária, de cunho a um tempo sociológico, histórico e ficcional. Até hoje, decorridos 113 anos de sua edição original, o livro de Euclides da Cunha permanece inabalável no topo da pirâmide cultural brasileira, algo poucas vezes igualado em todo o curso do século XX ou neste início do XXI.

Continua na página 5

PARTITURAS DO DESESPERO

Ronaldo Cagiano

Conheci o trabalho de Marília Arnaud quando ainda vivia em Brasília, onde morei 28 anos e mantinha uma intensa correspondência com escritores de todo o Brasil, época em que descobri, além dos arruados da mídia monopolista e hegemônica do eixo Rio-São Paulo, poetas, contistas e romancistas do mais alto nível, publicados por pequenas editoras.

Continua na página 2

O POETA NO LABIRINTO DE SI MESMO

Edmílson Caminha

Jornalista, professor, ensaísta, poeta, cronista, contista, romancista, memorialista, biógrafo... Ser grande em apenas um desses ofícios já é distinção suficiente para qualquer homem de letras. Pois João Carlos Teixeira Gomes o é em todos, com obra que honra as letras da Bahia e engrandece a literatura brasileira. Em *O labirinto de Orfeu* (Rio de Janeiro: Topbooks, 2014), soma, ao conjunto de novos poemas, as 82 páginas de "Glória e agonia do soneto", belo e substancioso ensaio sobre o molde poético em que se inclui entre os mais notáveis criadores, no âmbito da língua portuguesa.

Continua na página 11

CEM ANOS DE DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

Anderson Braga Horta



Domingos Carvalho da Silva

Vivo fosse, estaria completando um século o poeta de *Rosa Extinta*, *Praia Oculta* e *A Fênix Refratária*. Nasceu em berço luso, na cidade de Vila Nova de Gaia, fronteira à do Porto, com a qual divide as margens do Rio Douro em sua foz. Algumas fontes o dão como oriundo da aldeia de Leiroz, ao sul do Porto; outras por nascido em Corveiros, Porto. Não sabemos o porquê dessas variações, que giram todas em torno às cidades fronteiriças; sabemos, porém, que ele se afirmava gaiense de Pedroso, antiga freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia, conforme o resumo biográfico incluído em *Múltipla Escolha*.

Continua na página 8

PARTITURAS DO DESESPERO

Ronaldo Cagiano

Marília Arnaud foi uma dessas gratas surpresas estéticas surgidas, como um oásis, no meio desse deserto de obviedades da literatura e que desafia o cipoal da crítica brasileira nem sempre justa com quem merece, principalmente por ser mais sensível aos apelos da mídia e aos modismos impostos pelo mercado editorial do que verdadeiramente pela qualidade de uma obra ou de um autor.

Em 2005 tive contato com os excelentes contos de “O livro dos afetos” (Ed. 7 Letras), encaminhado pela própria autora, obra que espelhava uma contista extremamente habilidosa na arte narrativa, cujas histórias mapeiam as tensões das relações amorosas, sob a ótica de protagonistas masculinos e femininos, que incursionam pelo território dos sentimentos para escandir a incompletude das relações.

Marília Arnaud, nascida de Campina Grande e radicada em João Pessoa, vem de uma trajetória talentosa e segura. Sua estreia deu-se com uma edição independente de “Sentimento marginal” (1987), seguido de duas obras premiadas, “A menina de Cipango” (1994, Prêmio José Vieira de Melo, do Gov. da PB) e “Os campos noturnos do coração” (1997, Prêmio UFPB – Novos Autores Paraibanos).

Recentemente, com “Suíte de silêncios, (Ed. Rocco, 2012), Marília premia o leitor com sua incursão pelo romance. Livro que se constrói numa narrativa pungente e vigorosa, em que a linguagem poética segue o rastro das obras anteriores para falar sobre a carga seminal de uma perda e os fantasmas de ausência na vida de Duína Torrealba, personagem que sente os apuros do abandono.

A protagonista experimenta um percurso existencial tumultuado por conflitos e ausências: a mãe que abandonou a família; a relação com a avó, a quem coube educá-la; um pai amargurado e alijado de sua vida; Pedro, o irmão, criatura seduzida por conceitos e teorias, porém superficial e sem espaços para ela; e o abandono do amante. Situações que delinearam a moldura de seus lutos & lutas diante da carência afetiva, das dores

e da escuridão impostas pelas contingências de sua vida.

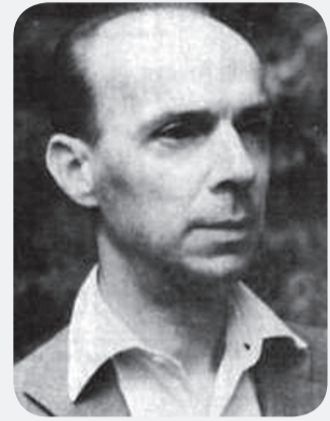
A narrativa é conduzida por um fluxo de memória e sentimento, com uma densidade e carga semântica que apreendem o leitor desde as primeiras linhas. Fala dessa geografia desértica da solidão individual e da insularidade psicológica que afetam a vida de um ser. Destroçada pelo destino compulsório e um passado que fulmina toda esperança, como a sentença inaugural do inferno de Dante, o futuro se encarrega de dar-lhe um retrovisor, por meio do qual tenta compreender o (não) vivido por meio de vozes que se alternam para construir a suíte de sua própria desarmonia. Essa é a metáfora de seu próprio desconcerto íntimo, familiar, (des)humano, uma orquestra em que a melancolia é o tom reverberado pelos instrumentos que sustentam sua angústia visceral, dolorosa e penetrante, definidoras de uma ópera da exclusão afetiva, a impor-lhe um caráter definitivo de concerto para uma vida que poderia ter sido e não foi, na linha do que nos recorda um poema de Bandeira.

O passado é esse mar revoltado na vida de Duína, que sendo professora de violino, assiste ao ir e vir dessas ondas que a perturbam, como se fosse uma suíte de porcelanas. E é nesse oceano de intempéries emocionais que lança âncoras para a travessia ou a (impossível) catarse; e os referenciais musicais estão presentes em toda a obra como num movimento contínuo de elaboração dessa sinfonia inacabada em que se constitui sua própria ruína afetiva. Nesse trajeto é que Duína criança e adulta se digladiam, escrevendo uma espécie de partitura do desespero, quando mesclam seus olhares para um lúcido reconhecimento da permanente angústia indigesta que percorre desde sempre.

“Suíte de silêncios” consolida a oficina criativa de Marília Arnaud, cuja prosa elaborada, sem piruetas ou contorcionismos verbais, mas cevada num profundo senso de humanidade, sofisticação e rigor estético, firma seu nome entre as melhores vozes da literatura brasileira contemporânea.

Soneto do Mês

SONETO



Dante Milano

O amor de agora é o mesmo amor de outrora
Em que concentro o espírito abstraído,
Um sentimento que não tem sentido,
Uma parte de mim que se evapora.

Ardor que me alimenta e me devora,
E este pressentimento indefinido
Que me causa a impressão de andar perdido
Em busca de outrem pela vida afora.

Assim percorro uma existência incerta,
Como quem sonha noutra mundo acorda
E em sua treva um ser de luz desperta.

E sinto, como o céu visto do inferno,
Na vida que contenho mas transborda,
Qualquer coisa de agora mas eterno.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefone: (61) 3244-3576 – Fax: 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

28ª DIRETORIA
2015-2017

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: José Carlos Brandi Aleixo
2º Vice-Presidente: Fontes de Alencar
Secretária-Geral: Maria da Glória Barbosa
1ª Secretária: Marcos Freitas
2ª Secretária: Jolimar Corrêa Pinto

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretora de Biblioteca: Thelma Rocha Pinheiro
Diretor de Cursos: Edmilson Caminha
Diretor de Divulgação: Wilon Wander Lopes
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronymo Rivera e Napoleão Valadares

Jornal da ANE nº 65 – agosto/setembro de 2015

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Danilo Gomes,
Edmilson Caminha e Adirson Vasconcelos

Revisão

José Jeronymo Rivera

Programação Visual

Cláudia Gomes

Composição e impressão: Centro Editorial e Multimídia de Brasília.
SIG. Qd. 8 - Lote 2356 - CEP: 70610-480 / Brasília - DF - (61) 3344-3738
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

A CIDADANIA TRUNCADA DOS ANALFABETOS

José Carlos Brandi Aleixo

A História registra a importante contribuição dos analfabetos para a solução de graves problemas sociais e a promoção da justiça e do desenvolvimento das nações. Carlos Magno (742-814) ascendeu iletrado ao trono. Catarina de Sena (1347-1380), em tempos conturbados, com sabedoria, aconselhou altas autoridades, inclusive os Papas Gregório IX e Urbano VI. Em 1970, junto com Teresa de Ávila, foi declarada doutora da Igreja Católica. Mahatma Gandhi (1869-1948) disse ter aprendido da mãe analfabeta grandes lições.

É eloquente o exemplo de Antonio Ramos da Silva. Um de doze irmãos, nasceu em família carente. Com a ajuda de um professor adrede contratado, aprendeu a desenhar seu nome e obteve o título de eleitor e a elegibilidade. Foi Vereador e Prefeito da cidade pernambucana de Quixaba. Transformou o ensino na prioridade de seu governo, construiu e reformou escolas, contratou professores com curso superior no Recife, aumentou o salário deles, etc. Declarou ele: “Sou analfabeto, mas sei muito bem a diferença entre o certo e o errado. Nunca baixei a cabeça para quem tem diploma e tenho noção do que é preciso fazer para melhorar a vida de meus eleitores.” Em março de 1996 recebeu especial Homenagem do Ministério da Educação (*Veja*, São Paulo, p. 7-10, 13 mar. 1996).

Membros de sociedades ágrafas existentes ainda em nossos dias em numerosos países, como os de algumas tribos, conforme suas tradições, exercem funções de governo.

São argumentos em prol da elegibilidade dos analfabetos:

1. “*Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.*” diz o artigo 1º, parágrafo único, de nossa Magna Carta de 1988. Se os analfabetos são povo, é discriminação impedir, liminarmente, que possam ser eleitos nossos representantes.

2. Uma das características da democracia é a de interrogar ou diminuir privilégios e proporcionar ao menos igualdade de oportunidades. O artigo 5º assegura que “*Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...*” O artigo 205 afirma que a educação é direito de todos e dever do Estado e da Família... O analfabeto, por ser tal, e geralmente o é sem culpa própria, se encontra em situação de desigualdade perante os demais. Como regra geral, só logra empregos de menor qualificação e salário inferior, muito embora alguns, graças a seus extraordinários talentos e labor, consigam amealhar considerável fortuna. Privá-lo da elegibilidade é multiplicar desigualdades e debilitar a democracia.

3. O analfabeto, perante o Código Civil e o Código Penal, não é um incapaz absoluto ou relativo. Terminada a menoridade, está apto para atos da vida civil. Assim pode: ser pai ou mãe de família, com graves deveres para com ela; testar; escolher livremente ter ou não religião; adquirir, alienar ou alugar imóveis; pagar impostos; prestar serviço militar. Por que a lei política há de excluir a presunção de discernimento em que se funda a lei civil e privá-lo da possibilidade de ser eleito? Em 1º de maio de 1943 a Consolidação das Leis do Tra-

balho não incluiu entre “as condições para o exercício de voto como para a investidura em cargo de administração ou representação econômica ou profissional” a de ser alfabetizado (artigo 529).

4. A separação entre o gozo de um direito e o seu exercício só se justifica em casos especiais e irremediáveis. E nestes, a lei indica a quem cabe cada qual. Os pais podem administrar os bens dos filhos menores, por exemplo. Estes, no entanto, passam ao exercício do direito pelo simples fato de completarem determinada idade estabelecida em Lei. É muito diferente a situação em que se pretende conceder ao analfabeto o direito da elegibilidade, mas com seu exercício condicionado à prévia aquisição dos conhecimentos de leitura e de escrita. Não se trata, na realidade, de mero impedimento temporário, facilmente removível.

5. A informação é muito importante para a elegibilidade. Mas hoje o telefone, o rádio, o cinema e a televisão proporcionam valiosos subsídios, ao alcance do analfabeto. Os atuais meios de transporte rodoviário, ferroviário, aéreo, fluvial e marítimo facilitam viagens e encontros entre os cidadãos e a consequente troca de ideias.

6. Há inúmeros outros incentivos para o comparecimento às aulas: melhores empregos, mais um meio de comunicação com outras pessoas, melhores condições de prestar serviços a diferentes comunidades e ao próprio país. Os analfabetos sentem, de várias maneiras, quotidianamente, o peso de inúmeras limitações. Sabem com que desprimor e, mesmo, embófia, outros escandem o vocábulo “analfabeto” até com o intuito de insultá-los. O problema não está, fundamentalmente, na ausência de motivação e de desejo de alfabetizar-se, mas nas dificuldades de acesso às escolas. Milhares de pessoas, por terem vivido ou viverem longe de educandários, por terem padecido variadas penúrias, como as da subnutrição ou do malsinado trabalho infantil e não por indolência, a elas, desavisadamente assacada, chegam iletradas aos dezoito anos de idade. Analfabetos valorizam, por experiência própria, a importância das escolas e, eventualmente eleitos, saberão empenhar-se na multiplicação e melhoria delas.

7. Há diferenças importantes entre opinar sobre temas científicos e sobre temas eleitorais. Sábios de diferentes crenças e ideologias podem estar mais facilmente concordes sobre experiências de laboratórios. Mas dificilmente haverá consenso entre eles sobre melhores partidos, programas e candidatos. Neste contexto, é importante reconhecer o amplo direito ao sufrágio e à elegibilidade. Através de pleitos lisos e autênticos manifestar-se-á a preferência dos eleitores. E, democraticamente, prevalecerá a vontade da maioria. As urnas não se destinam a demonstrar, apoditicamente, que os mais sufragados são necessariamente os melhores, mas sim que são os preferidos pelo eleitorado.

8. Vale assinalar que não se prova uma correlação necessária entre maior grau de instrução e maior virtude e civismo. O suborno, a fraude, a corrupção são compatíveis com altos títulos universitários. O conceituado poeta Ovídio confessou: “*Vejo coisas melhores e as aprovo: [mas] sigo as piores*” (“*Video meliora proboque; deteriora sequor*” — *Metamorfoses*, Livro VII, 20-21).

9. É também pertinente ressaltar, por uma analogia, embora muito limitada, que pessoas fisicamente incapazes de exercerem desempenharam ou desempenham cargos de direção. São conhecidos os casos do Presidente Joaquim Balaguer na República Dominicana e do Governador David Paterson em Nova Iorque. Cegos e analfabetos podem encontrar pessoas confiáveis que lerão para eles papéis relevantes e escreverão o que eles ditarem. Por injunções e incúrias, alheias, não tiveram condições de aprender o abecedário. Excluí-los da elegibilidade é aplicar a inculpadados nova punição.

10. Na falta de uma definição constitucional do termo “analfabeto” probos magistrados aplicam, ou julgam poder aplicar, em suas jurisdições, aos candidatos a cargos eletivos, testes de variada complexidade. Em São Paulo, Francisco Everardo Oliveira Silva (Tiririca), em 3 de outubro de 2010, com 1.348.295 (6,35%) votos, foi o candidato a Deputado Federal mais votado da história do Brasil. Apesar disso, foi submetido a exames humilhantes de alfabetização.

É lamentável que durante mais de 125 anos milhões de brasileiros e brasileiras tenham sido e continuem a ser vítimas da inelegibilidade. Para expungir essa grave nódoa da nossa constituição, basta suprimir, no parágrafo 4º do artigo 14, os três últimos termos: “São inelegíveis os inalistáveis e os analfabetos” (grifo do autor).

Hoje dificilmente se ouve a pergunta “por que os analfabetos votam”, mas talvez se indague “por que foram inalistáveis até 1985”. Espera-se que, em breve, não se pergunte mais por que os analfabetos são elegíveis, mas sim por que foram privados, por tantos anos, do direito da elegibilidade.

A JANELA

Lina Tâmega

O que se rende à contemplação
retorna não aos olhos
mas à complacência da pele
embrenhada em tatos e pêlos
para que a liturgia da janela
não se desfaça em horizonte.

No cuidado com as formas da vida feitas à mão
manuscrito o cheiro quebradiço do tempo
que submisso ao afadigado coração
decompõe em cotos de cavilhas e sopros
o bambo lume das veias.

Há uma dália de sol
abrindo a janela,
tão perfeita em seu disfarce
que não divide espaços
– dique a segurar o copo.

ALBERTO DEODATO, DE MAROIM PARA O MUNDO

Danilo Gomes

(Ao escritor Pedro Rogério Moreira, que conviveu com Alberto Deodato na Livraria Itatiaia, em Belo Horizonte.)

Perambulo pelos sebos de Brasília há 40 anos, desde o finado

Antiquário. Vou sempre à Livraria Pindorama, ao Armazém do Livro Usado e ao Sebinho de Livros. Numa esplendorosa manhã azul de agosto deste 2015, um azul digno dos anjos e de Guignard, num desses sebos, buquinando daqui e dacolá, deparei-me com um exemplar (em ótimo estado!) do livro “Nos Tempos do João Goulart”, de Alberto Deodato, edição da Itatiaia, BH, 1965. Um livro publicado há meio século!

São notáveis 225 páginas, em que o autor tempera comentários políticos com refinado humor, ironia e chistoso sarcasmo. Professor de Direito na UFMG e jornalista no Rio desde a década de 20, Alberto Deodato foi, em Minas, Deputado Estadual e Federal, pela UDN - União Democrática Nacional, que fazia feroz oposição a Getúlio, Juscelino e todos os militantes e aliados do PSD - Partido Social Democrático.

Sergipano de Maroim, Alberto Deodato, depois da agitada vivência no Rio, como jornalista e boêmio, passou a morar em Belo Horizonte. Em Minas casou-se. Um de seus filhos, Alberto Deodato Maia Barreto Filho, foi também, como o pai, professor na Faculdade de Direito da UFMG.

Alberto Deodato foi Promotor de Justiça, assinou o corajoso Manifesto dos Mineiros, de 1943, contra a Ditadura Vargas (ao lado de Pedro Aleixo e outros próceres) e participou da fundação da UDN. Foi atuante radialista e cronista aclamado. Pertenceu à Academia Mineira de Letras e ao Conselho Federal de Educação. Deixou um louvado “Manual de Ciência das Finanças” e outras obras de cunho jurídico. Tive a satisfação de ser seu aluno no curso pré-jurídico da UFMG, em 1968.

No campo literário, publicou “Senzalas e Canaviais” (contos), “Doce Filha do Juiz” (romance), “Flor Tapuia” (teatro), “A Pensão da Nicota” (comédia) e “Apuros” (comédia). Mas foi na seara da crônica que encontrou seu caminho glorioso. De saborosas crônicas são seus livros “Roteiro da Lapa e Outros Roteiros”, “Políticos e Outros Bichos Domésticos”, “Novaiorque, Paris e Maroim” e o mencionado “Nos Tempos do João Goulart”. Viajou muito. Andou por Ceca, Meca e olivais de Santarém, Oropa, França e Bahia... Mas fazia sempre praça e gabo de haver nascido em Maroim (Maruim, ele nos dizia, sorridente, peito estufado).

Nosso ilustre confrade acadêmico, Ministro Fontes de Alencar, escritor e pesquisador, sergipano de Estância, conheceu Alberto Deodato e sua família. Aos 82 anos, Alberto Deodato faleceu em BH (ele nascera em 1896), onde hoje dá nome a um dos logradouros do centro da cidade, Praça Alberto Deodato, perto da Praça Afonso Arinos.

Voltemos a “Nos Tempos do João Goulart”. Valha repetir que, na crônica, no texto leve mas substancial, o autor sergipano-mineiro (de Maroim, sim, senhor!) era um mestre consumado.

Seu público leitor tinha, em Minas (escrevia no jornal “Estado de Minas” diariamente), as características de um fã-clubista. Era aclamado nas ruas, na Faculdade, na Academia, nos cafés, nas livrarias, por onde andasse, simpático e bem-humorado, com seus óculos de “fundo de garrafa”.

Foi assíduo frequentador da Livraria Itatiaia Editora, onde pontificavam os famosos irmãos Moreiras (Vivaldi, Édison e Pedro Paulo). Era ali que nos siderava com suas boas conversas, com seus casos: era um causeur, uma fonte do prazer de viver, um professor de vida.

Moço curioso, no viço dos 22 anos de idade, frequentador da Itatiaia, tive o privilégio de escrever as “orelhas” de “Nos Tempos do João Goulart”. Ali, faço um breve “apanhado” da crônica, desde suas origens portuguesas, com Fernão Lopes, Zurara, Rui de Pina, até suas características modernas (via folhetins), com Machado, Alencar, João do Rio, Humberto de Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Vivaldo Coaracy, Carlos Drummond.

Nesse “prefácio orelhal”, escrevo: “Mas voltemos a Alberto Deodato, o sergipano mais mineiro do Brasil, o mais comentado cronista de Minas e dos mais destacados do País. Neste seu novo livro, cuja tônica é a política, ele faz passar por sua pena satírica e finamente humorística homens e episódios do Governo Goulart, em quadros vivos e pitorescos. Em outras páginas, ora sua saudável veia irônica e sua poderosa imaginação levam-no a cronicar sobre outros temas, arrancando dos leitores risos absolutamente incontroláveis, ora seus sentimentos pessoais o obrigam a confissões e confidências de delicado lirismo – e esta é a faceta do cronista sentimental e humano.”

À pág. 77, o autor estampa a crônica “Estão furtando demais, minha gente!” Referia-se o publicista aos governos dos pessedistas & aliados (a tal base aliada). Começa assim:

“Fui visitar, há poucos dias, ex-aluno meu, e dos melhores de sua turma. Além da aplicação, completavam-lhe as virtudes o caráter bem formado e acendrado amor cívico. Havia saído da Casa de Saúde Santa Clara, estabelecimento para enfermos mentais.

Encontrei-o calmo, numa cadeira de balanço. Calmo demais. Recebeu-me com um sorriso triste. De repente, fechou o sobrecenho, arregalou os olhos e bradou rebelado:

– Estão furtando demais, meu professor!

Indaguei do seu médico assistente a moléstia. Não era cousa de gravidade. O pior já passara. Mais uns choques e o rapaz arribaria. E arrematou:

– Psicose de furto...

Disse-me o doutor que essa moléstia não traz mais graves distúrbios. Uma certa melancolia. Mas, de hora em hora, o paciente se levanta, esfrega as mãos e brada:

– Estão furtando demais!

Tenho receio que o mal lavre epidemicamente. Não se passa um dia sem que os jornais não tragam, em manchete, furtos, roubos e desfálques. E de gente graúda.”

Cinquenta anos depois, nada mais atual, nestes nossos tempos de, digamos... pixulecos milionários. Dá vontade de embarcar num trem-de-ferro e tomar o rumo da Maroim de 1896...

DOIS SONETOS SOBRE UM TEMA

Luiz Carlos de Oliviera Cerqueira

(585) SONETO Nº 161, OP. 343, Nº 2

Quanta tristeza ao vê-la chorando, tão pura,
quando partiu o trem, o meu saudoso trem
que, ao se perder bem longe, parece, também
estar sentindo a minha infinita amargura.

Alonguei o meu olhar mas a linda figura
foi sumindo-se pelas montanhas além,
onde o riso se perde e a saudade já vem
deixando em meu viver a dor que não tem cura.

E a distância matou aquele amor ardente!
Morreu como se extingue o rubro sol poente
e o resto que ficou, neste soneto enterro.

De longe um triste apito o meu cismar invade.
Será indo a esperança? Ou será saudade?
Talvez seja-me dando adeus o trem de ferro...

~

(586) SONETO Nº 162, OP. 343, Nº 3 (Otimismo)

Venha. Embarque comigo neste trem.
Ele vem lá de onde o seu olhar
encantou o meu. Tome o seu lugar,
ponha na mala o seu amor também.

Deixe que o seu pensar caminhe além,
diga adeus à saudade que restar...
Que não venha a dor a face molhar
e acene a quem ficou, se houve alguém...

Vaguemos como livres andarilhos
deixando o trem seguir por estes trilhos
que levam onde só o sonho alcança.

Que as curvas não ofusquem seu ardente
olhar e que a janela tão somente
nos mostre, em cores, cenas de esperança...

EUCLIDES E OS SERTÕES

Fabio de Sousa Coutinho

Euclides da Cunha inaugurou com *Os Sertões* uma nova visada da Literatura Brasileira em direção ao hinterland nacional, muito diferente do sertanismo romântico de José de Alencar, por exemplo. Euclides traçou um novo itinerário que será posteriormente seguido pelo romance de 30 e mesmo por Guimarães Rosa com *Grande sertão: veredas* (1956).

Contemporâneo das teorias evolucionistas e deterministas do final do século XIX, Euclides compõe *Os Sertões* em uma estrutura de três partes (a Terra, o Homem, a Luta), seguindo o modelo de Taine (raça, meio e momento), estabelecendo, a partir do episódio da guerra de Canudos, uma ampla interpretação do país, em que o Brasil civilizado do litoral se confronta com o Brasil agreste, bárbaro e trágico do sertão.

Sob o preciosismo e o cientificismo do vocabulário, a tensão e a dramaticidade da frase são o que mais impressiona na linguagem de *Os Sertões*, a exemplo da seguinte passagem da terceira parte da obra:

“A luta é desigual. A força militar decaiu a um plano inferior. Batem-na o homem e a terra. E quando o sertão estua nos bochornos dos estios longos não é difícil prever a quem cabe a vitória. Enquanto o minotauro, impotente e possante, inerme com a sua envergadura de aço e grifos de baionetas, sente a garganta excicar-se-lhe de sede e, aos primeiros sintomas de fome, refluí à retaguarda, fugindo ante o deserto ameaçador e estéril, aquela flora agressiva abre ao sertanejo um seio carinhoso e amigo.”

Com a bagagem de cientificista de sua formação de engenheiro militar, Euclides interpreta previamente o confronto entre o exército e os seguidores de Antônio Conselheiro como o resultado da marcha positiva da história sobre as raças inferiores e incultas das áreas atrasadas do País. Porém, com o desenrolar da luta e, especialmente, com a execução sumária (degola) da população restante de Canudos, o escritor

percebe que o crime e a loucura estavam incrustados na própria civilização do litoral, enquanto a força, antes de tudo, estava no sertanejo.

Canudos não se rendeu: resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Tão impressionado ficou com a obra de Euclides da Cunha, o escritor peruano Mario Vargas Llosa (Prêmio Nobel de Literatura, em 2010) nela se inspirou para a escrita de *La guerra del fin del mundo*, de 1982, exatos oitenta anos transcorridos da versão inaugural de *Os Sertões*.

Em língua inglesa, o magnífico livro brasileiro recebeu o título de *Rebellion in the Backlands*, traduzido por Samuel Putnam e editado por The University of Chicago Press, em 1944.

DURANDE, O MONSTRO DO CAOS

Valfredo Melo e Souza

“Algumas vezes, à noite, após o pôr do sol, no momento em que a noite se mistura com o mar, à hora em que o crepúsculo dá uma espécie de terror às vagas, via-se entrar na barra de Saint-Sampson, ao tumulto sinistro das ondas, uma certa massa informe, uma coisa monstruosa que salivava e cuspiava, que roncava como uma besta e fumegava como um vulcão, uma espécie de hidra babando espuma e arrastando um nevoeiro, atirando-se sobre a cidade com um horrível movimento de barbatanas e uma goela donde as chamas irrompiam. Era Durande.”

Esta hedionda figura é a tradução machadiana de “Os trabalhadores do mar”, de Victor Hugo (1802-1885), passado num canto da velha Normandia, Ilhas da Mancha (arquipélago do Canal), terras dos insulares povos do mar – os pescadores.

Corria o ano de 1807 quando **Durande**, o primeiro navio de Fulton (Robert Fulton, 1765-1815, engenheiro americano pioneiro na construção de navio a vapor), provido da máquina de Watt (James Watt, 1736-1819), inventor daquele mecanismo, realizava sua viagem inaugural justamente do dia 17 de agosto, o número apocalíptico das dez antenas e das sete cabeças da besta. Os sábios haviam rejeitado o vapor como impossível; os padres, como ímpio, a ciência condenava, a religião anatimizava. Fulton era uma variante de Lúcifer. Os habitantes insulares e campesinos aderiram à reprovação. A Igreja pregava: a água e o fogo são um divórcio. Não se deve desunir o que Deus uniu nem unir o que Ele desuniu. Temos nós o direito de fazer trabalhar juntos o fogo e a água que Deus separou? disse um pregador citando Gênesis Cap.1, vers. 4. Aquele animal de ferro não seria a imagem do Leviatã? Não era isso refazer o homem, a seu modo, o

primitivo caos? Não é a primeira vez que acontece qualificar a ascensão do progresso de retrogradação ao caos.

“Ideia louca, erro grosseiro, absurdo”: tal foi o veredicto da Academia das Ciências consultada por Napoleão no começo desse século, acerca do vapor. E a voz rústica dos insulares: este monstro nos mete medo. Eram os bons pescadores de então, outrora católicos, agora calvinistas, e sempre beatos que entendiam ser aquela coisa o inferno flutuante. Estes pescadores de Saint-Sampson não têm a desculpa de se acharem, em matéria científica, ao nível dos geômetras de Paris? E em matéria religiosa, uma pequena ilha como Guernesey não tem obrigação de ser mais ilustrada que um grande continente como a América?

Em resumo a visão geral do empreendimento era assim: do pescador – isto me mete medo. Do sábio – impossível. Dos padres – pecado. Só a compreensão de um “livre pensador” como a que tinha o personagem pelo qual Victor Hugo fala, podia conceber tal avanço industrial na época. O livre pensador – como era identificado um homem maçom – tinha compromisso com o progresso. O homem tem de lutar com os obstáculos sob as formas de superstição e preconceito. E como disse o visionário: o homem precisa crer, daí o tempo; precisa criar, daí a cidade; precisa viver, daí a lavoura, a pesca, o navio. Tudo isto naquele arquipélago puritano onde a rainha da Inglaterra foi censurada por violar a Bíblia narcotizando-se para dar à luz um bebê. (Gênesis Cap. 3, vers. 16, “tu parirás com dor”). Atualmente mais de duzentos e cinquenta navios, por dia, cruzam o Canal.

Assim, qualquer que seja o interesse pelos estudos da Teorética Ciência Maçônica, as obras de Victor Hugo revelam fortíssimo conteúdo historiográfico.

“TODOS OS BONS LIVROS SE PARECEM”

Daniel Barros

Circunvolucionando (edição do autor, 2014) é o título do livro que nos apresenta Paulo Tadeu Poli. Nascido em Cornélio Procópio, Paraná, ele percorreu o mundo, passando pela longínqua região do Norte do Brasil, radicando-se em Martinhos, litoral do Paraná. Por influência de seu pai, um grande desbravador de terras em Cornélio Procópio e Campo Mourão, também no Paraná, tornou-se aviador e político, tendo sido eleito deputado por três mandatos. A influência do pai o levou a se embrenhar num mundo de aventuras em regiões por ele desconhecidas, e lá se tornar piloto de garimpo. Uma profissão inusitada para um ginecologista-obstetra.

Entretanto, essa experiência levou Paulo Tadeu a escrever esta bela estória que me deixou impressionado com sua qualidade. Paulo escreve com um profundo conhecimento dos temas abordados, sem se tornar piegas ou exagerado. Além de nos presentear com um vocabulário rico e prazeroso, característica que falta aos pseudoescritores que abundam no modismo dos romances “HOTs” ou místicos da atualidade, que são produtos de literatura barata e comercial. Não, Paulo Tadeu Poli escreve com esmero e arte de um genuíno escritor.

Confesso-lhes que me surpreendi já nas primeiras páginas, com o assassinato do avarento advogado, Doutor Ortellado, e temi que o autor não pudesse nos prender a atenção até o final. Lembrei-me, evidentemente, do clássico: *CRÔNICAS DE UMA MORTE ANUNCIADA*, do mestre Gabriel García Márquez, onde o enredo principia pelo final, e, portanto, requer do escritor uma fabulosa habilidade em manter o leitor ainda interessado no desfecho final, ou melhor, inicial.

Poli narra, na primeira pessoa, as memórias do velho Luigi, piloto da Régia Aeronáutica Italiana, nos tempos de Mussolini. Luigi compõe um esquadrão de caças incumbido de bombardear a Espanha, em plena guerra civil, em auxílio ao fascista Francisco Franco. A mando de Hitler, Göring aproveita os bombardeios para provar a eficiência de seus aviões, assassinando milhares de espanhóis. Sim, caro leitor, Luigi deu sua contribuição para que Pablo Picasso criasse sua obra-prima: Guernica. É nesta viagem que nos leva o autor, desde a Espanha massacrada até a Europa à beira da Segunda Grande Guerra Mundial, passando por São Paulo, depois que o nosso anti-herói foge com espólios roubados e um assassinato cometido, até navegar pelas águas claras do rio Tapajós e sobrevoar a imensidão dos céus do Brasil.

Digo, sem medo de errar: o leitor médio poderá se perder no emaranhado da trama, se não se agarrar ao fio de Ariadne tecido por Paulo Tadeu Poli, nesse Dédalo criado com mestria.

AMOR QUE NÃO SE MEDE

Vera Lúcia de Oliveira

“Bárbara bela, do norte estrela...” Esses são os primeiros versos do poema que Bárbara Eliodora não acabou de ler, pois rasgou e fez picadinho do papel em que estavam escritos. Estava muito zangada com Alvarenga Peixoto, autor dos versos, pai de sua filha – e seu marido –, embora não estivessem legalmente casados. Essa é uma passagem do excelente romance *Um poema para Bárbara* (Ed. Gutenberg, 2015), de Mônica Sifuentes, mineira de Belo Horizonte, estudiosa do famoso casal participante da Inconfidência Mineira.

Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira poderia ter se casado com o guapo ouvidor de Vila Rica ou com qualquer outro pretendente daquelas paragens, bastava apenas que seus olhos azuis se cruzassem com os olhares daqueles que a cobijavam; mas ela amou um só homem: Inácio José de Alvarenga Peixoto. Viveu a plenitude desse amor, que exigiu coragem e muito caráter, pois afrontava as severas leis da sociedade do século 18, e conheceu o que pouca gente conhece: a verdadeira felicidade de amar e ser amada, adorada, melhor dizendo. Bárbara, que era filha de pai português e mãe goiana descendente dos Buenos, fundadores da Capitania de Goiás, trazia o altivo porte de princesa e assim era chamada, bem como suas irmãs. Mas foi mais do que isso, foi rainha para o seu Inácio. Inteligente, culta e grande leitora, nasceu e viveu em São João Del Rei, Minas Gerais, no período mais rico, em todos os sentidos, de sua história. Era também boa poeta, o que não é pouca coisa.

Essa história de amor que Mônica Sifuentes tanto pesquisou para nos contar é daquelas que só acontecem muito raramente, a exemplo de Abelardo e Heloísa,

casal apaixonado que desafiou todas as convenções, foi separado e morreu fiel a seu amor, na França medieval; e de Tristão e Isolda, este, sim, adorado por Bárbara, a ponto de dar o nome do trágico herói ao filho caçula, que Alvarenga, desafortunadamente, não veio a conhecer. Essa triste história de amor até os corações mais duros enternece, para lembrar o belo verso de Basílio da Gama...

Segundo o crítico Emil Staiger, um grande romance participa dos três gêneros literários, o lírico, o épico e o dramático. O romance de Mônica Sifuentes exemplifica essa afirmação na medida em que apresenta o lírico como fio condutor de seu enredo, ou seja, a história de amor de um casal que viveu entre sonetos e sonatas, baseada na recordação, recheada de poemas, cartas e juras de amor, e linguagem e liberdade poética; o épico está presente na estrutura episódica, com o desenrolar dos acontecimentos fiel à cronologia, mostrando os acontecimentos reais, visto tratar-se de romance histórico. Sem faltar o herói, Tiradentes, aquele que não vacilou em suas convicções, nem traiu. E, por fim, a presença do dramático, do “pathos”, com a morte anunciada pela mãe de santo, no papel de oráculo. Em meio à escravidão e servidão, é a tragédia da liberdade, ainda que tardia!

Mais que interessante, *Um poema para Bárbara* é um romance de fôlego, fundamental, com a presença de santa Bárbara, rainha dos raios e tempestades, e dos grandes poetas árcades Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto que, por seu triste fado, exige do leitor, ao virar a última página, um minuto de silêncio...

DOIS POEMAS DE JOÃO CARLOS TAVEIRA

POEMA DE ANIVERSÁRIO N.º 6

O tempo,
com suas gôndolas,
abertas lucarnas ao vento,
esculpe a pele, a carne,
o cerne do ser
que em mim
se faz e pássaro.

Diante do futuro
estou completo:
meio peixe
meio pássaro
neste pouco corpo
em que velejo.

Porém, sou homem e voz
dentro da concha:
libertam-me o peixe
que inventei na pedra
e os mares desesperados
que sulquei na terra
com minhas penas
e escamas
de esmeralda.

TESTAMENTO

Ao poeta Anderson Braga Horta

Deixa o teu silêncio
e o que restar da voz
impregnados
nos objetos, nas exigências,
nas ruas de Brasília,
nos versos inconclusos
de algum poema.

Deixa — e não te queixes —
amores unilaterais, mas puros
para os teus pósteros
rivais
nesta congênere aventura.

Deixa os teus livros,
quadros na parede,
os discos de Beethoven,
todas as óperas, inclusive *Aida*:
a tua predileta.

Deixa o teu amor
à música de Mozart,
aos filmes de Carlitos,
ao corpo de Sophia Loren...

Deixa os teus papéis
e até a folha branca
em que não se fixou
a face da palavra
necessária.

UM LIVRO ESPECIAL

Maria Luiza Ervilha

Foi lançado em Ubá, cidade de Euclides Mendonça, no dia primeiro de agosto, o livro *Fios e Meadas*. Trata-se de uma coletânea de cartas, páginas de diário, artigos, selecionados por Ivoneide Ramos de Mendonça, viúva do autor. Em linguagem clássica, desfilam para nosso encanto e meditação os pensamentos desse mineiro que nos deixou há dois anos, tendo publicado apenas uma pequena parte dos seus escritos. Deixo uma amostra, neste espaço, como incentivo para que adquiram esse livro precioso, a ser lançado brevemente em Brasília, a convite da Thesaurus Editora.



As expressões com as quais iniciei este diário – Tudo o que ele contém de 26 de outubro a 13 de novembro de 1948... O espaço em branco aberto entre essas duas datas... Mutabilidade de minha alma sujeita a ventos vários. Um areal... um rochedo de silêncio, uma petrificação.

Um areal tem muita areia que o vento carrega. Um diário tem muitas palavras que o tempo esvazia. O que me amarga mais são as palavras. Oh! Minha alma!

Oh! Eu penoso!
Oh! Eu misterioso, indiferente!
Só uma coisa em ti não é levada pelos ventos.
Tua dor, tua sede.
Que sede?
Teus olhos levantam-se para as nuvens, sete vezes ao dia,
chamando a Beleza e a Verdade...
Que dor?
A sede de todo o momento, insaciável, este mundo deserto.

És um cacto no meio do areal – que dor!
És... estás te tratando de tu.
Estás em face de ti mesmo...
Oh! Eu fugaz.

Oh! Eu dolorosamente permanente na tua sede.

Se escrevendo, eu pudesse imprimir meu mundo interior no papel como um carimbo, veja o que resultaria: Uma paisagem de deserto.

Uma silhueta solitária em curvada meditação fazendo deslizar pelas mãos um punhado de areia e pensando: Palavras, palavras, palavras...

Se não te desdenho agora, se não te volto as costas, oh eu, que reaparesces diante de mim depois de um ano, ostentando a instabilidade de tua face e a permanência de tua angústia, é porque caminhas todos os dias comigo, levando-me às costas e sofrendo a sede do deserto.

É porque a tua sede é maior que o deserto. Mas tenho vontade de perguntar qual é tua face autêntica. Por que te alteras com os ventos que sopram no deserto?

Por que sempre que nos encontramos (tantas vezes), tu me foste assim angustiado, assim sedento? Será que tua face autêntica é o próprio deserto, com os ventos, com a areia, com o infinito?...

Vamos caminhar de novo. Vamos gravar nossas pegadas. Um deserto com pegadas é menos deserto...

Eis o que me ocorre agora, ao reler este registro, e me decido a recomê-lo. Este registro, que não é um diário, bem poderia chamar-se “pegadas do deserto”.

E as pegadas são tortuosas, falhas, e às vezes se interrompem, mas sempre tornam o deserto menos deserto.

CURSOS JURÍDICOS

Arioaldo Pereira de Souza

Sempre que subia e descia os longos degraus de minha faculdade de direito, acomodado às carteiras onde ainda recebia as primeiras aulas da matéria, me aguçava a curiosidade de conhecer a origem dos cursos jurídicos no Brasil. Assim, fui aos poucos adentrando a essa floresta encantadora do conhecimento, onde palmilhei vários caminhos em busca do meu desiderato.

Correram-se serenos os primeiros tempos de vida acadêmica em que as matérias colimadas foram abrindo caminho para algumas descobertas que se mostravam alvissareiras para o alcance dos objetivos deste novel acadêmico.

Abeberando-me em Clovis Beviláqua entrei de forma resoluta na “História da Faculdade de Direito do Recife”, como fonte comemorativa do primeiro centenário dos Cursos Jurídicos no Brasil, e às “Memórias para a História da Academia de São Paulo”, de autoria de Spencer Vampré, editadas em 1924, que são obras de concepção geminadas, tanto pelos propósitos que as inspiraram como pela trilha seguida pelos dois ilustres jurisconsultos.

Contudo, descortina-se para este então novato acadêmico a parte substancial dos valores mentais brasileiros para continuidade da tarefa encetada. Da leitura daquelas páginas vi regamente evidenciada a afirmação de Pedro Lessa de que a história da cultura brasileira não pode ser escrita à margem dos eventos e valores que compõem a tradição das Faculdades de Direito de São Paulo e do Recife.

Daí, além dos apontados méritos historiográficos, não se pode olvidar o que representa, de per si, a experiência jurídica brasileira, uma das primeiras manifestações culturais em que o nosso povo soube revelar algo de próprio e de altamente significativo, no mundo e nas ideias universais.

Para demonstração dessa revelação bastaria invocar os nomes de alguns alunos que se matricularam nas instituições recém-citadas, como os de Teixeira de Freitas, Pimenta Bueno, Paula Batista, Nabuco de Araújo, João Maurício Wanderley, e Zacarias de Góis e Vasconcelos, vultos dos mais representativos da nacionalidade, aos quais vieram se acrescentar centenas de outros, de Álvares de Azevedo a Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, de Castro Alves a Tobias Barreto e Rio Branco, cujas personalidades invoca-se, a mero título de exemplo, pois com a história das duas tradicionais Casas de Ensino se confirmam valores exponenciais da nossa pátria.

Importante ressaltar que nunca será de mais enaltecer o descortino da grande geração da Independência ao perceber que a nova Nação não precisava apenas de novas leis, mas também de uma consciência jurídica própria, a qual só poderia ser o futuro de Faculdades de Direito vinculadas às nossas tradições.

Surgiram, assim, logo em 1827, os dois grandes centros jurídicos do país, um ao norte, em Olinda, outro em São Paulo, que iriam se converter nos dois polos em torno dos quais, durante várias décadas, a intelectualidade brasileira pôde traçar a elipse de nossa cultura.

Na realidade, além do Direito, foram aquelas duas Casas de Ensino os focos inspiradores das artes literárias e de todas as expressões das ciências humanas, coo-

perando de maneira decisiva para o fortalecimento da unidade nacional. Remontam aos tempos coloniais as aspirações dos brasileiros por possuírem, dentro do país, estabelecimentos de ensino superior, onde pudessem desenvolver as suas faculdades naturais, em harmonia com a cultura do tempo. Já os inconfindentes mineiros, no fim do século décimo oitavo, cogitavam de dotar a pátria livre com uma universidade.

Azeredo Coutinho, jurista e economista de real merecimento, quando bispo de Olinda e governador interino da capitania de Pernambuco fundou um seminário modelar, que bem merece ser recordado. Sua influência sobre a mentalidade pernambucana foi considerável, quer do ponto de vista da instrução propriamente dita, quer com referência às ideias liberais. E lhe parece que a independência brasileira foi diretamente servida, no seu preparo, por esse instituto, devido à difusão das ideias liberais.

Diz Capistrano de Abreu que pela fundação do seu seminário, Azeredo Coutinho exerceu extraordinária “influência sobre a mentalidade pátria”. E acrescenta: “Sem Azeredo Coutinho, não surgiria a geração idealista de 1817” – Revolução Pernambucana.

Finalmente, de tudo que pudemos aferir, nos ressalta a importância social dos cursos jurídicos para o progresso do país, as facilidades trazidas para os que desejam aprender, sem ter a necessidade de ir buscar na Europa instituto científico, o que nem todos podiam fazer, perdendo-se assim, nas famílias desprovidas de riqueza, muitos talentos de primor.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE SOCORRO MOTA

Está aberta no Foyer da Câmara Legislativa do DF a Exposição de Pintura de Socorro Mota, mineira, radicada em Brasília desde 1979. Sobre a artista assim se expressou o escritor José Santiago Naud:

“A crítica e companheiros de caminho coincidem ao ressaltar alguns valores de SOCORRO MOTA. O sentido da cor, já referido por ela em seu livro. O vigoroso testemunho da permanência da vida. Realidade e mistério como visão de mundo. Misticismo, com a soma de vibração erótica. Total objetividade, ainda quando reflete formas abstratas. Lúcida à consciência das turbulências na arte moderna, sucessora do novecentismo ocidental, a pintora não se mostra infensa ao impressionismo nabi nem à trágica energia do expressionismo. Para além de coisas e gentes, consigna seu testemunho artístico de constância: tudo quanto se firma no tempo que representa ou no espaço que figura é o afirmativo da mais penetrante, eterna e infinita visão do mundo e do homem.”

CEM ANOS DE DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

Anderson Braga Horta

No Brasil, na cidade de São Paulo, para onde se mudou a família em 1924, continuou Domingos Carvalho da Silva os estudos iniciados no Porto. Tinha, então, os seus nove anos de idade, nascido que fora em 21 de junho de 1915. Na Faculdade de Direito de São Paulo, entre 1933 e 1937, desenvolve intensa atividade, cria e dirige periódicos, e publica pela primeira vez um poema, no órgão estudantil *O Progressista*. Formado, naturaliza-se brasileiro, advoga e leciona, e em 1941, já casado e pai, ingressa por concurso no Ministério da Agricultura, passando a residir em Botucatu. Há de tê-lo estimulado a prosseguir carreira poética o aproveitamento, nesse mesmo ano, de duas de suas composições na antologia *Poemas sob as Arcadas*, organizada pelo futuro líder político Ulysses Guimarães. Nos anos seguintes, colabora no *Correio Paulistano*, faz amizade com Mário de Andrade, relaciona-se com o mundo literário, exerce o jornalismo como noticiário e cronista político, participa na fundação do Clube de Poesia de São Paulo. A partir de 1954 essas atividades se incrementam: integra a Comissão Organizadora do Primeiro Congresso Internacional de Escritores, torna-se membro da Comissão Estadual de Literatura (que virá a presidir), pronuncia conferências e participa em congressos de literatura, filosofia, estudos luso-brasileiros e crítica literária, bem como nas comemorações do centenário de morte de Castro Alves.

Destacamos desse período a organização, em 1948, do I Congresso Paulista de Poesia, no qual apresenta a tese “Há uma Nova Poesia no Brasil”, tornando-se um dos proclamadores da Geração de 45, cuja denominação, aliás, lhe é devida. Essa poesia caracterizava-se pela procura de nitidez, desdenhada a anedota e a falta de comedimento, na palavra de Péricles Eugênio da Silva Ramos, que alude também (*Poesia Moderna*, Melhoramentos, São Paulo, 1967) ao não cogitar “de repetir modelos ultrapassados, mas de criar novas formas de expressão, embora rigorosas”. O movimento, compreendido pelo mesmo Péricles Eugênio como “fase construtivista” do Modernismo e chamado de Neomodernismo por Alceu Amoroso Lima, teve afinal mais largo espectro. Foi “rico de tonalidades e nuances, de vozes originalíssimas”, algumas atentas às “exigências da rima e métrica”, outras tendentes ao hermetismo, terceiras à “poesia clara” defendida por Geir Campos, outras ainda de inclinação social e política, tudo isso lembrado por Milton de Godoy Campos, que anota ainda, em sua *Antologia Poética da Geração de 45* (Clube de Poesia, São Paulo, 1966), a “sobrevivência do Surrealismo, não como processo (que já pertence a uma fase da história da poesia)”, mas por ter incorporado “definitivamente à expressão poética as uniões inesperadas de termos, justaposições absurdas de palavras, contudo carregadas de força lírica e capazes de transmitir mais verdade a linguagem mágica do poeta”. Assinalemos que por todos esses caminhos transitou a poesia de DCS, de grande “riqueza temática e formal”.

Polemista bem aparelhado, Domingos era capaz de manejar a ironia como uma lança ou um látego. Não deixava passar ocasião de uma *boutade* ou uma piada. Não tinha papas na língua, como se diz (ou se dizia) popularmente. Em questões de literatura, particularmente de poesia, era exigente e severo. Entre amigos, mostrava-se extraordinário *causeur*, de temperamento afável, alegrando as reuniões com umas modinhas que acompanhava ao violão.

Em 1966 se transfere para Brasília, em cuja universidade lecionará Teoria Literária e Literatura Brasileira. Influuiu nisso o amigo e compadre Almeida Fischer, que foi, como ele, notável semeador de cultura.

Muito deve a cultura brasiliense à presença de Domingos Carvalho da Silva. Integrou o núcleo fundador da Academia Brasiliense de Letras. Esteve à frente da criação do Clube de Poesia, mais tarde rebatizado Clube de Poesia e Crítica. Liderou pequeno grupo de escritores na fundação e manutenção da *Revista de Poesia e Crítica*, da qual tirou vinte números, entre 1976 e 1996. Em Brasília compôs alguns dos poemas que figuram em seus últimos títulos, *Circunstâncias* (versos não reunidos em livro antes de *Múltipla Escolha*) e *Vida Prática*, vencedor do Prêmio Jabuti de 1977. Pelo menos dois desses poemas referem-se implicitamente ou de passagem à cidade: nas *Circunstâncias* o dedicado “A Waldemar Lopes na sua Volta a Teresópolis”; na *Vida Prática*, “Um Poeta na Asa Sul (Saudação a Artur Eduardo Benevides)”. Há neste livro, ademais, a explícita narração de sua passagem da Paulicéia ao Cerrado, na toada de “Um Violeiro em Brasília”. Presidiu a ANE – Associação Nacional de Escritores, no período 1979-1980. Com seu trabalho de criador, fomentador e agitador cultural, contribuiu fortemente para a formação e consolidação do estrato espiritual da cidade adolescente. Como dissemos ao concluir palestra pronunciada em 27 de maio, na ANE, sob o título “Um Brasileiro de Vila Nova de Gaia”, seu nome deverá ser para sempre reverenciado como um dos pilares da cultura brasiliense.

Notabilizou-se também como ensaísta em *Rodrigues de Abreu*, estudo biográfico de 1946, na *Introdução ao Estudo do Ritmo da Poesia Modernista*, conferência (1950), em *Vozes Femininas da Poesia Brasileira*, ensaio e antologia de 1959, em *Eros & Orfeu* (crítica literária, 1966), em *A Presença do Condor* (1974), em *Uma Teoria do Poema* (1986 e 1989). E praticou o conto no apreciável *Véspera dos Mortos*, de 1966. Mas foi a poesia a sua linguagem de eleição e a sua glória maior, tanto a própria quanto a traduzida – sendo suas obras principais, na espécie, os *20 Poemas de Amor e uma Canção Desesperada*, de Pablo Neruda (edição bilíngue; São Paulo, 1946; com várias reedições), e *Poemas Necessários*, de Ángel Crespo (Brasília, 1979).

A estréia poética se dá em 1943, com *Bem-Amada Ifigênia*, cujo lirismo se reparte em poemas isométricos e de verso livre. Já revela um poeta, mas o livro seguinte, *Rosa Extinta* (1945), significa um salto de qualidade, com poemas importantes como “Canto em Louvor da Poesia”, em que ao lirismo se fundem meditações sobre essa arte e lemas de uma preocupação de cunho social: *Quero a poesia em essência / abrindo as asas incólumes. // ...; quero a poesia sem nome, / feita de dramas humanos. // Quero ouvir na sua voz / o canto dos oprimidos ...*. Em “Com a Poesia no Cais” o bardo exclama, incisivo: *De macacão operário / e chave inglesa na mão, / convocarei a poesia / para um passeio ao crepúsculo*. E, após mostrar à “suprema poesia / que mora na flor de lótus”, à “ninfa valeriana, / a pura, a perfumadíssima” as misérias do mundo, conclui, num arroubo: *Então a poesia pura, / de pés banhados em sangue, / sentirá que a luz da aurora / lhe circunda a fronte loura. / A brisa lhe afaga os seios / num sopro de humanidade. / E ela abrirá seus braços / de olhos fixos em Gomorra, / com o seu corpo de sal / suspenso acima da terra / que está gerando à distância / o dia novo que nasce*. Formalmente, a redondilha domina. Ideologicamente, esboroa-se a suposta torre de marfim...

Praia Oculta, de 1949, teve segunda edição, com o selo carioca Orfeu, em 1968. “Antecipação” é um de seus mais belos poemas: *As patas da noite esmagam / os lírios débeis da aurora. / Por invisíveis estradas / negros cavalos galopam. / Ao longe brilham dois lagos / da cor triste de teus*

olhos. / Dunas de angústia se formam / nas praias frias da morte. A composição antecipa, dizemos nós, uma das de melhor fortuna no repertório de 45: o “Poema Terciário”. Os elementos que antecipa e, na verdade, já reúne em plenitude são a narrativa lírica em coágulos, as imagens impressionantes, mas aparentemente soltas, um clima de sonho, de névoa, que nos envolve como uma ambiência de imaginação fantástica, tudo isso na música de uma redondilha que, não obstante a isometria, flui livre do comando inflexível da mente racional. Um clima que não encontramos na literatura dita realista, que não se coaduna com o distanciamento parnasiano, antes harmonizando-se com as vaguidões simbolistas e os espontaneísmos surrealistas.

Espada e Flâmula, de 1950, é livro eminentemente político. Basta uma olhada aos títulos: “Hino à Liberdade Renascida”, “A Espanha Renascerá”, “Saudação à Itália Antifascista”, “Uma Palavra Nasce” (essa palavra não é a poesia, nem é uma flor, é “anistia”), “Pablo Neruda em São Paulo” (não o Neruda lírico, mas o “poeta contra a fome e os seus tentáculos”), etc. *D’O Livro de Lourdes* (1952) é sempre lembrada a exemplar contenção e síntese de “Lirismo”, que mereceu tradução de Brecht. Do mesmo ano é *Girassol de Outono*. Saiu no Rio, pela Editora A Noite, e teve segunda edição, pela Orfeu, em 1968. Domingos aqui se apresenta como sonetista da melhor qualidade. Atestam-no a série “Papoulas e Estenógrafas” e (coincidindo na flor alucinógena) “Anjo e Papoula”. (Merece ser lembrado, nessa forma fixa, o erotismo de “Soneto Ocasional” e “Náufragos”, que deixamos para trás, em *Praia Oculta*.)

Em 1956 saiu uma edição de *Poemas Escolhidos*, pelo Clube de Poesia. Três anos depois veio *A Fênix Refratária e Outros Poemas*, pela Civilização Brasileira. Na série de que o livro retira o título temos como que uma história viva da poesia ocidental: aí encontramos (e muito bem o delinea Diana Bernardes, no belo estudo que apresenta *Múltipla Escolha*) desde a cantiga paralelística e o soneto quinhentista até o verso livre, desde o hendecassílabo até um poema em ortografia antiquada, o tónus clássico, o barroco, o arcádico, o tom romântico e o simbolista, a postura parnasiana, Shakespeare na Paulicéia, um Cântico dos Cânticos moderninho e bem-humorado, erotismo e latinório, terminando com um libérrimo *carpe diem* dirigido à amada, cujo nome é Hilda, mas também pode ser Lídia. E, no final, uma série de 22 sonetos decassilábicos, até certo ponto construídos (contradição?) em linguagem surrealista, e a que não faltam algumas chaves de ouro.

À Margem do Tempo, que inclui *A Viagem de Osíris* (Clube de Poesia, São Paulo, 1963), é reeditado em Brasília, em 1979, pelo Clube de Poesia e Crítica, sem *A Viagem* mas com o acréscimo de novos poemas. Chamam-nos a atenção, nele, os versos de feição apocalíptica. *Vida Prática* teve também duas edições, a primeira pela Imago, do Rio, e a segunda pela GRD, de São Paulo, em 1976 e 1978. É o último livro do poeta, exceto pela já mencionada antologia *Múltipla Escolha* (José Olympio / MEC, 1980) e pelo poema dramático *Liberdade embora Tarde* (Thesaurus, Brasília, 1985). De referir, por fim, os *Poemas* traduzidos ao castelhano por Gabino-Alejandro Carriedo, separata da *Revista de Cultura Brasileira*, Madrid, 1966, e o livro de igual título, partilhado com Péricles Eugênio da Silva Ramos e traduzido por Manuel Pantigoso, edição bilíngue do Centro de Estudios Brasileños de Lima, Peru, 1980.

Domingos Carvalho da Silva faleceu em São Paulo, aos 87 anos, no dia 26 de abril de 2003. Mas a nata de sua poesia parece destinada a sobrenadar o tempo.

UMA LEMBRANÇA ESQUISITA

Fátima Leite de Oliveira

Dr. Rodrigo estava quase no fim de sua jornada diária. Sentia-se cansado. Aquele plantão fora difícil. Além dos casos graves, atendera diversos pacientes, cujos diagnósticos não conseguira estabelecer. Gostava da profissão, mas naquele momento desejava ansiosamente um descanso.

De repente, um enorme barulho: gritos misturados com choro, correria, batidas na porta da UTI. Quando a enfermeira gira a maçaneta da porta, surge em sua frente uma mulher baixinha e descabelada carregando nos braços uma idosa pálida e inconsciente. Atrás dela, quatro mulheres de pequena estatura, todas chorando e gritando. Uma balbúrdia! Os seguranças tentavam inutilmente conter o grupo. As recepcionistas, assustadas, tentavam conversar com aquelas mulheres desesperadas. Gritavam e choravam todas ao mesmo tempo. Dava para perceber que traziam uma senhora doente, mas a confusão era tamanha que ninguém conseguia saber que mal a acometera.

A mulher joga a doente no primeiro leito que surge a sua frente, corre em direção ao médico e o segura pelo jaleco:

– Doutor, doutor! Pelo amor de Deus, salve minha mãe!

Doutor Rodrigo tenta perguntar o que ocorreu com a paciente, mas, sentindo que é inútil conseguir alguma informação concreta no meio da confusão, decide examiná-la. Sobre a cama, uma senhora gorda, cabelos brancos, lábios arroxeados, baba no canto da boca, olhos revirando.

O médico procura o pulso. Nada! Mede a pressão. Baixíssima. Saturação? Também muito baixa. É necessária uma rápida intervenção para tentar reanimá-la. Mas com tanta gente! Aos gritos, ele ordenou:

– Saiam todos! Preciso socorrer a paciente!

O grito foi tão alto que todos se calam. Os seguranças empurraram as mulheres em direção à saída. Em 10 segundos, a porta da UTI foi fechada.

Depois dos procedimentos de urgência, prescrição de medicamentos e solicitação de exames, Doutor Rodrigo suava por todos os poros. Quando passou água na frente e respirou fundo, ufa! Finalmente, a calma foi restabelecida! Ao olhar para trás, deparou com os olhares assustados de seus auxiliares. Dona Socorro, a enfermeira mais experiente, arriscou:

– Doutor Rodrigo, a situação da paciente foi estabilizada. Mas será que o senhor pode ir conversar com a família? Ninguém aqui vai conseguir trabalhar com aquelas mulheres todas chorando e gritando pelos corredores.

– Leve todas ao consultório três.

E, quando as mulheres entraram no consultório, correram para o médico, agarrando-o como podiam: nos braços, no jaleco, pelo colarinho...

– Doutor, doutor, diga que minha mãe vai voltar para casa!

– Diga que mamãe não vai morrer! Diga que mamãe não vai morrer!

– Ela já recuperou os sentidos?

– O senhor já sabe o que ela tem?

– Faça tudo que for preciso para salvá-la!

Rodrigo respirou fundo e anunciou:

– Calma! Muita calma! Estamos fazendo tudo que é possível. Já conseguimos estabilizar a paciente. Mas vocês têm que se portar de forma mais contida! Nessa confusão ninguém consegue trabalhar! Eu e minha equipe vamos fazer o possível e o impossível, também. E vocês vão nos ajudar mantendo a calma e a ordem no recinto. Tudo bem?

E todas, ao mesmo tempo:

– Sim, doutor. Cuide de nossa mãe.

Rodrigo se retirou. As mulheres, caladas, em fila, se acomodaram no pátio do hospital. Ali, puseram-se a rezar em voz alta. Nenhuma saiu dali por um instante, sequer.

Ao fim do plantão, Dr. Rodrigo foi amenizar a angústia daquelas mulheres. Estava se retirando, mas a nova equipe teria os mesmos cuidados, o mesmo zelo.

No dia seguinte, por volta de dez horas da manhã, a psicóloga chama as mulheres para comunicar que, infelizmente, a paciente foi a óbito. Pronto: naquele hospital nunca se presenciara tanta lamentação!

Mais tarde, o viúvo veio com o serviço funerário e levou o corpo da esposa e as filhas inconsoláveis.

Um mês depois, Dr. Rodrigo está no seu plantão quando é procurado pelas cinco mulheres. As mesmas, aquelas inconsoláveis diante da morte da mãe. Ele até sentiu certo arrepio. Pensou: o que será agora, meu Deus!? Mas as mulheres estavam calmas. Vieram agradecer pela dedicação e carinho com que foram tratadas naquele dia fatídico. E, em sinal de agradecimento, convidaram o Doutor Rodrigo para almoçar com a família, no domingo. Doutor Rodrigo não costumava receber convites de pacientes. Nem se animou. Mas ficou sem jeito de recusar. E no domingo lá se foram Doutor Rodrigo e a esposa para o almoço.

Pela casa bem arrumada, almoço servido com boa comida, percebia-se que era uma família de posses. Mas aquelas mulheres eram muito esquisitas! Estavam sempre juntas. Usavam roupas iguais. Eram todas solteiras. E tinham o hábito irritante de repetir os dizeres uma da outra! Mas Doutor Rodrigo não se chateou. E o almoço estava bem caprichado. Comida de qualidade e gostosa. Sem contar o bom vinho que fora servido. O casal até ficou surpreso. Elas sabiam receber muito bem em casa!

Passado o almoço, servido o cafezinho e sem muito assunto para conversar com aquelas cinco mulheres, Rodrigo achou por ir embora. Quando anunciou a saída, as cinco mulheres o cercaram:

– Ainda não, doutor! Nós temos uma surpresinha para o senhor. Guardamos na nossa capela, que é um lugar bem reservado.

Rodrigo imaginou que elas iam oferecer um presente. A esposa imaginou que elas iam mostrar a imagem de uma santa. E o grupo todo foi à capela. Quando a porta se abriu, uma urna funerária estava ao pé do altar. A mulher de Rodrigo quase desmaiou. Ele, pálido, atônito, olhos arregalados. E elas, as cinco mulheres, alegres e saltitantes:

– Olha só quem mora aqui: mamãe!

Rosas

Anderson de Araújo Horta

Quando nascemos, na manhã da vida,
Se nos deparam rosas nos caminhos...
Rosas de amor, na virginal guarida,
Rosas sem par e rosas sem espinhos.

Depois, andamos nos sertões maninhos,
À cata de uma rosa fenecida...
E na luz, e na voz dos passarinhos,
Há sempre rosas de uma dor sentida!

Mas... quantas rosas, quantas... quantas rosas
Morrem de amor e morrem de despeito,
No remanso das tardes vagarosas...

E depois que morreres, no teu leito,
Hás de levar, em profusão de rosas,
Rosas no coração, rosas no peito!

ERA...

(Narrativa da esperança)

Emanuel Medeiros Vieira

(OUVINDO “JESUS, ALEGRIA DOS HOMENS”, DE JOHANN SEBASTIAN BACH)

PARA CLARICE E PARA LUCAS – E PARA AS CRIANÇAS DO BRASIL

“*Opte por aquilo que faz o seu coração vibrar. Apesar de todas as consequências.*”
(Osho – 1931–1990)

Era tudo ao contrário.
Seria tudo melhor?
O Sagrado estava no mundo,
e andávamos todos sem medo.
Não, não há bichos pré-históricos,
Nem história há.
Mas não havia matanças, obuses, morteiros pernas arreventadas, a co-
biça maior, tantas guerras – o poder é tudo.
(*Eu sei: sempre houve. Mas preciso “mentir” para ser “sincero” no que escrevo.*)

Reservo-me ao direito de por hoje – só por hoje – ser ingênuo.
E de repactuar-me comigo mesmo, com os outros, com o cosmos.
(Tudo anda tudo tão melancolicamente grave e desgraçado. Mas abraçamos a vida – intensamente.)

Eu sei: vivemos numa época de absoluta regressão ética.
O mundo era outro, havia risos – era tudo sonho.
“Saudosista – dizes que tudo era melhor porque já passou”, adverte-me um promotor interno.

Hoje não, por favor: nada de narrativas estilhaçadas – quando todo mundo morre no final.

Um piquenique, campinhos de futebol, praias limpas, morros onde podíamos andar à noite.

E o melhor de tudo: não tínhamos medo.

Ou não? Não sei. Sim: *tínhamos outros medos.*

Termino com Carl Gustav Jung (1875–1961): “**O sentido torna suportável uma grande parte das coisas – talvez tudo. Ele nos conecta com a realidade, inunda as trevas com luz e nos faz atravessar o sofrimento.**”

ERGA OMNES OU TOLERÂNCIA ZERO

Paulo Castelo Branco

O termo latino se refere à aplicação da lei para todos os cidadãos, sem distinção de condição social, esperteza, raça, religião ou poder; é forma sofisticada de se falar “tolerância zero” aplicável àqueles que praticam crimes ou estão sob suspeita de atos delituosos.

O termo aparece agora em razão das prisões determinadas pelo juiz Sérgio Moro, mantidas pelos relatores de pedidos de *habeas corpus*, nos tribunais superiores.

Quando milhares de suspeitos em operações rotineiras são detidos, a população, questionada à frente das câmeras, diz que deve ser assim mesmo, tolerância zero contra marginais, seja quem for. Durante anos, a prática da lei para todos servia para enquadrar especialmente os miseráveis, inocentes ou não, que, sem assistência do Estado, são jogados nas celas fétidas de delegacias de polícia ou em penitenciárias dominadas por líderes do crime. Ali, desesperados, se entregam aos chefes e quase nunca se recuperam ou são reintegrados ao convívio social.

A descoberta do saque aos cofres públicos por personagens da política e do poder econômico está mostrando à população que é possível para um só personagem mudar os rumos de uma nação.

Não é a primeira vez que um homem público estudioso, corajoso e com espírito público enfrenta os poderosos e, com fundamento na lei, enquadra dezenas de suspeitos de ilicitudes.

A reação dos acusados e seus defensores é legítima, e seus advogados devem exigir respeito à lei e à incolumidade física dos detidos. Não há, no entanto, reclamações quanto às condições mínimas de conforto ou alimentação dos presos. O que está

em debate é se as decisões do juiz são corretas ou não, e cabe aos defensores apresentar suas razões e buscar absolver os seus clientes das acusações.

O que não é aceitável são as manobras dos donos do poder para afastar policiais das investigações, procuradores do controle dos procedimentos e juízes dos julgamentos.

É evidente que não serão práticas escusas que salvarão os acusados da força da lei e da Justiça. Os órgãos republicanos não são pessoas que, eliminadas, encerrarão os seus trabalhos. As baterias voltadas contra o juiz Moro, contra o procurador-geral da República Rodrigo Janot e contra policiais federais não os atingiu diretamente, atingem, sim, as instituições que dirigem; sai um juiz, entra outro, sai um procurador, entra outro, sai um policial, entra outro; todos com a mesma missão de colocar e manter na cadeia os criminosos.

Na Itália, a famosa investigação *Mani Pulite*, que devastou a política e os negócios escusos no país, levou para a cadeia poderosos políticos e empresários envolvidos nas falcaturas, alguns optaram pelo suicídio por não suportarem a vergonha e a desmoralização de suas histórias e famílias, outros cumpriram suas penas e ficaram no ostracismo.

Naquele tempo, a pressão dos envolvidos contra a Justiça levou à criação dos “juízes sem rosto” para garantir a segurança dos magistrados. A medida chegou até nós, apesar de considerada inconstitucional por inúmeros especialistas, e o seu uso não está consolidado, mas, se a pressão persistir, a ocasião é propícia.

O que o brasileiro quer e clama é que a lei seja aplicada a todos acusados e que os julgamentos sejam públicos, transparentes e republicanos: condenados presos; inocentes livres.

Bodas de Vinho

José Peixoto Junior

A casa, feita pra receber Ela,
Alpendrada, oitão fronteiro ao Norte
Contemplado por mais de uma janela,
É o meu ninho de amor, arca da sorte.

Ela entra, toma conta de mim, dela,
Encanta-nos com o seu belo porte,
Então, a casa nova e a donzela
Tornam-se para mim lar e consorte.

Isso no quinto ano de quarenta
Quando a nossa união se sacramenta.
Levamos vida-a-dois com passos dados

Nem sempre sobre piso de veludo.
Ela é meu tudo, para quem sou tudo,
Somamos setenta anos de casados.

O POETA NO LABIRINTO DE SI MESMO

Edmílson Caminha

São poucos nossos poetas de renome que se destacam, também, como ensaístas de peso, em número menor, ainda, quando adotam por tema a poesia que escrevem, a exemplo de Manuel Bandeira no seu famoso *Itinerário de Pasárgada* (1954). Lêdo Ivo, em *Confissões de um poeta* (1979), e Ivan Junqueira, com *À sombra de Orfeu* (1984) e *O fio de Dédalo* (1998) são outras referências valiosas. Não fosse, além de altíssimo poeta, brilhante professor (agora aposentado) do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Teixeira Gomes nos dá, com o domínio do saber e o ganho da experiência, verdadeira aula sobre a história e a prática do soneto, com a modéstia e a despreensão que assume já na epígrafe do ensaio: “De mim um pouco, dos outros muito, para que tudo o que aqui se contém seja de todos.”

De Petrarca a Drummond, de Dante a Vinicius de Moraes, de Camões a Augusto dos Anjos, de Shakespeare a Bilac, como interpretar a permanência do soneto, por entre épocas de fastígio e de quase repúdio? A explicação vem mais, suponho, da natureza humana do que da teoria literária. O modelo dos 14 versos pode ser inerente ao nosso pensar e ao nosso sentir, forma pronta e acabada que preexiste a conceitos e definições, que se completa em si própria, como, na geometria, o quadrado, a circunferência, a esfera. Na língua portuguesa, como nas outras românicas, o verso decassílabo (heroico ou sáfico) parece uma das medidas naturais (a redondilha maior e o alexandrino são outras) para a expressão de um sentimento, de uma ideia, de uma imagem. Compreendem-se, assim, os versos que nos soam perfeitos, irretocáveis – quanto à forma e quanto ao fundo –, que, lidos uma vez, carregamos para sempre na memória: “Hão de chorar por ela os cinamomos” (Alphonsus de Guimaraens), “Aqui outrora retumbaram hinos” (Raimundo Correia), “Penetra surdamente no reino das palavras” (Carlos Drummond de Andrade), “A vida é vã como a sombra que passa...” (Manuel Bandeira), “A garupa da vaca era palustre e bela” (Jorge de Lima). Para não falar dos que, segundo os próprios autores, vêm como epifanias, gritos a quebrar o silêncio, raios a fender os céus, a exemplo do bandeiriano “Vou-me embora pra Pasárgada”.

Da maestria na criação de sonetos, João Carlos Teixeira Gomes já nos dera provas em *Ciclo imaginário* (1975), *O domador de gafanhotos* (1976) e *A esfinge contemplada* (1988), de que foram selecionados os poemas que compõem “A permanência da forma”, última das três partes em que se divide *O labirinto de Orfeu*. Um dos privilegiados amigos a quem manda os versos à medida que são feitos, pude acompanhar a gênese da coletânea que preliminarmente se chamaria *O lavrador onírico*, denominação de um dos sonetos. Ao grupo de leitores a quem dá a conhecer os inéditos, lembra que pode alterá-los em publicação definitiva, por sofrer o autor “a angústia da perfeição poética...” “Dos cheiros da amada” passou a chamar-se “Odore di femina”; “Labirinto de amor” e “Da indiferente” nos foram encaminhados sob a rubrica “Dois sonetos russos”, pois que escritos em Moscou, para uma bela bailarina do Bolshoi...

Na forma original, assim recebemos os tercetos de “Escravo da beleza”:

Ao exílio me condena a musa ingrata,
a diva que me inspira e que me rende,
patrona do rigor que me maltrata

por rude ter criado a natureza:
mas se fere no aperto que me prende
compensa ver-me escravo da beleza.

A última estrofe modificou-se, na versão final:

pois rude lhe saiu a natureza:
mas se fere no aperto que me prende,
sou feliz por escravo da beleza.

Duas das inspirações maiores do cantor estão no título “Do mar e da mulher”:

Em teu corpo, amor, vou a quatro velas
ou mais que haja, nesse mar disperso.
Sei que irei ao abrigo de procelas
por tuas águas, imensas como um verso.

Outras são a mitologia (“Vaso grego”, “O mar de Ulisses”) e a morte, que o poeta já explorara no belíssimo “Soneto da morte sem susto”, a que se compara, em excelência, o “Portal de segredos”:

*Olhei a minha cara e vi a morte
nela estampada, sem bijuterias.
E disse para mim: “Terna consorte,
ó verduga amável dos meus dias!”*

Quando não se dedicam à mulher amada, ao poder dos mitos ou ao sentimento da finitude, os versos se consagram, por exemplo, ao vinho (como antes brindaram com o “Soneto ao uísque”):

*Vence, enfim, o desdém da idolatrada,
ó vinho que me tornas leve e arisco,
por criares o clarão da alvorada
no fulgor desse olhar em que me arrisco.*

Com *O labirinto de Orfeu*, João Carlos Teixeira Gomes se mantém, pois, na mais nobre genealogia literária, em todos os tempos: a dos artistas que mergulham dentro de si mesmos, que desvendam o mistério dos próprios labirintos, como um Orfeu que vence a morte para se eternizar em Vida e Beleza, Poesia e Amor.

Cuando la noche caiga sobre ti

Kori Bolivia

“Cuando la noche caiga sobre ti,
sobre tu rostro hoy tranquilo,
sobre tus hombros tan erguidos,
escoge tu lecho de silencio
para que allí repose tu iluminada sombra.

Cuando la obscuridad llegue a ti,
a tus brillantes ojos,
a tu corazón y tus venas
y apague tu voz para siempre,
llámame, y a tu lado estaré.

Verás las flores, sobre tu lecho perfumado
sentirás el cálido susurro de los vientos,
la humedad de la playa desconocida,
la madrugada, que llevará
en navegar suave,
tu figura siempre serena
y estaré a tu lado por si necesitas algo.”

UM BRASILEIRO NAS ABAS DO MAR DE ATLAS III

Fontes de Alencar

1 – Peço sua especial atenção, leitor, para este ponto da fala do douto Latino Coelho aos patrícios:

Não tenhamos a simpleza de julgar que ao ilustre pensador, enquanto serve com tão proveitosa dedicação a sua metrópole, na cadeia, na academia, na milícia, nos ofícios da administração e magistratura, se lhe não vão os olhos instintivamente para o fadado berço americano. Andrada é antes de tudo brasileiro.

E também para estoutro, que tenho por cardinal:

As aspirações separatistas aparecem reveladas nos discursos do acadêmico – José Bonifácio – em os tempos derradeiros da sua morada em Portugal pela mãe-pátria, o põe de manifesto o seu último discurso à Academia, quando se despedia saudoso e agradecido à terra que o recebera e amimara por seu filho.

Com efeito, não se escoara a segunda década do Oitocentos e naquele então aportava na riba atlântica brasileira José Bonifácio de Andrada e Silva. Pouco depois, em Santos, o reencontro com familiares; entre os quais o irmão Martim Francisco; com outro, Antonio Carlos, que mais adiante se revelaria pujante orador parlamentar, não se reviu na ocasião, pois que prisioneiro se achava ele por envolvido em o movimento revolucionário de 1817 no Nordeste.

Octávio Tarquínio de Sousa, no excelente estudo biográfico do notável santista, expôs, mestrando, o panorama político do Brasil da época e respectivas cambiantes nos momentos que antecederam o Fico. E rematou:

Estava dado pelo príncipe o primeiro passo revolucionário. Daí até ruptura completa, ele teria a seu lado, como o mais direto conselheiro, a José Bonifácio, nomeado sete dias depois, a 16 de janeiro, Ministro do Reino e dos Estrangeiros.

2 – Na primeira metade de 1821 o grande compatriota nosso – a quem a His-

tória, por antonomásia, nomearia *O Patriarca* – já principiava, qual registrou aquele que lhe descreveu o viver, *de maneira positiva a sua participação nos sucessos da independência brasileira*. Dos acontecimentos doutro o descritor coligiu:

Era o guia, o condutor de homens que se impunha. Bem sabia José Bonifácio que muitos dos que ali estavam reunidos opinavam pela exclusão de qualquer elemento

... é um dos tipos mais complexos e mais interessantes da história da América. Sábio, poeta, homem de Estado ...

Noutro passo da mesma obra, depois de referências a José Clemente, Diogo Feijó e Araujo Viana, afirmou:

José Bonifácio é ainda o mais notável agente da nossa emancipação, como individualidade, como tipo representativo das afirmações nacionais. A independência, a elaboração do trabalho e do vigor de muitas gerações: foi uma obra popular, porém teve seus corifeus, e Andrada foi o maior deles.

4 – Em maio de 1823 instalara-se a Assembléia Constituinte. A política aticava a todos. Octávio Tarquínio de Sousa anotou:

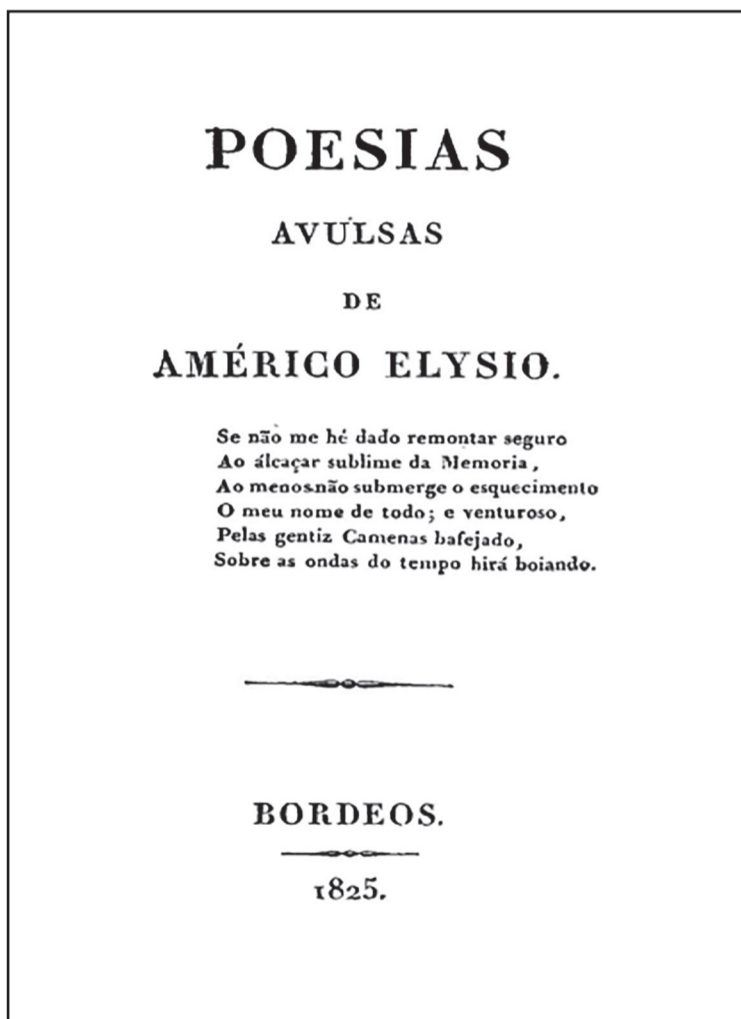
José Martiniano de Alencar, um dos que criticavam a ação do governo, reconhecia que em dado momento, as medidas incriminadas haviam obedecido ao ponto de vista da salvação pública, mas já não eram necessárias.

O governo carecia de um líder. José Bonifácio – escreveu o seu biógrafo – *não possuía os dons necessários a um dirigente de assembléia política ... Martin Francisco não era por sua vez o homem indicado para encaminhar os trabalhos da Constituinte. Dos três irmãos Andradas seria Antonio Carlos o único a poder exercer o difícil papel.*

5 – Meara 1823. José Bonifácio saiu do Ministério. Antes de findar-se o dito ano ocorreram surtos na política nacional. Pessoas seriam banidas do país, dentre essas as que compunham a mencionada tríade augusta. José Bonifácio, permaneceu em França, primeiramente em Bordéus; depois em Talence. Um sexênio duraria o exílio.

No nosso lado atlântico o Imperador, que dissolvera a Constituinte, ele próprio outorgaria ao Brasil uma Constituição, a de 1824 ...

Permita-me, leitor benévolo, um adendo: em Bordéus foi publicado no ano de 1825 *Poesias Avulsas**, de Américo Elisio, sabidamente pseudônimo de José Bonifácio.



Capa do livro de José Bonifácio editado em Bordéus em 1825

do antigo governo; e não demorou que nesse sentido se manifestassem. Mas o chefe que surgira atalhou que o dia devia ser de congraçamento geral, de verdadeira reconciliação. Esquecidos os ódios e as inimizades, estaria disposto a procurar a felicidade de todos; se, porém, não se pretendia resolver tudo em ordem, retirar-se-ia.

3 – Silvio Romero em *História da Literatura Brasileira**, editada em 1888, acerca de José Bonifácio escreveu:

*Brasiliiana Digital